



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

É para lá que eu vou: O processo de Interiorização da Universidade Federal no Brasil e o desafio do diálogo entre visões de mundo.

prof^a, dr^a, Valéria Giannella

Universidade Federal do Ceará – Campus Cariri

valeria@cariri.ufc.br

Preâmbulo

Este artigo leva à tona um começo de reflexão em torno do processo de interiorização da Universidade Federal no Brasil, que integro desde 2009, por haver me tornado professora efetiva da Universidade Federal do Ceará vinculada ao Campus avançado do Cariri.

Para situar esta reflexão será providenciada uma breve e necessariamente parcial descrição da região do Cariri dentro do Estado do Ceará. No entanto, uma das hipóteses que fundamentam o trabalho é que seja possível avançar algumas considerações sobre “os interiores” em sua relação com “o Centro”, isto é alguma reflexão em torno da relação entre global e local a partir de um ponto de entrada específico, que é o da dinâmica instaurada ao se inserir nesta relação o ator Universidade, o qual representa no senso comum, pelo bem ou pelo mal, o sujeito por excelência produtor de conhecimento. De que conhecimento, a partir de quais pressupostos, e com quais êxitos dentro do novo contexto ocupado é o que procurarei indagar. Quanto dito não implica, de forma alguma, que todos os interiores sejam iguais, ou que as diferenças entre eles sejam descartáveis; a tese avançada, que se quer colocar em debate, é que estejamos hoje diante de algumas bifurcações exatamente pelo que diz respeito à relação entre Interiores e Centro, que podem ser observadas a partir de interiores diversos, cada um



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

dos quais apresentará, provavelmente, uma sua forma própria de se deparar frente àquelas bifurcações.

Introdução

Cariri/Ceará/ Brasil. Um dos inúmeros interiores brasileiros. Nordeste: um oásis no Sertão. Pólo de crescimento acelerado no estado do Ceará, grande pólo de atração para o turismo religioso e as romarias ainda hoje mobilizadas pela figura carismática do Padre Cícero; lugar onde reconhecemos as marcas do subdesenvolvimento, a presença de uma cultura arcaica e de fortes tradições pertencentes a um mundo rural sofrido e mal tratado pelos centros do poder nacional. Observamos hoje aqui múltiplas tensões e contradições típicas da pós-modernidade, aberturas e potenciais devidas à inserção deste, como de outros territórios “periféricos” em redes globais. Estão, os interiores, em face do dilema de escolher que caminho de desenvolvimento trilhar. Simplificando podemos enxergar duas opções distintas: o caminho conhecido do desenvolvimento predatório típico da modernidade, hoje em crise manifesta, ou um caminho diferente que integre tradição e inovação e re-signifique os objetivos a serem alcançados e os meios para atingi-los.

É neste contexto denso de tensões e potenciais que se insere o processo de Interiorização da Universidade Federal no Brasil, processo que aposta em duas hipóteses distintas, a mais óbvia das quais é a possibilidade de influenciar e qualificar os processos de transformação em curso através da política da educação e do conhecimento. Uma segunda hipótese é aquela que me interessa mais nestas notas. Ela diz respeito à relação que é possível estabelecer entre Universidade e Contexto Local, relação esta que procura evitar os modelos herdados do passado onde o saber científico era o único dono da verdade e o cientista o único produtor de conhecimento válido, lançando implícita ou explicitamente um véu de inexistência sobre qualquer outra forma de conhecimento e qualquer outro sujeito enquanto produtor legítimo de saber. A insuficiência do saber constituído para enfrentar as múltiplas crises da contemporaneidade começa a aparecer incontestável, e o conceito de limite, além de se impor como referencial em nossa relação com o meio ambiente, se afirma como marca



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

de qualquer aventura cognitiva. Assim, com Boaventura Santos, afirmamos que não existe saber em geral ou ignorância em geral; qualquer saber é superação de uma ignorância específica e qualquer ignorância é ignorância de um saber específico. O que cria a necessidade de aproximarmos a verdade do outro, mas, também, as bases do choque entre visões de mundo, maneiras de se formatar os problemas e de pretender solucioná-los, culturas e práticas políticas. A partir desta nova consciência surge a necessidade de repensar o próprio papel de produtores de conhecimento a partir de um paradigma de “Ecologia de saberes”, dentro do qual o desafio mais alto está na necessidade de reinventarmos as possibilidades de escuta, de troca e de diálogo com o Outro. O referencial das Metodologias Integrativas e não Convencionais entra neste ponto específico para indicar formas específicas de lidarmos com nosso desafio.

Localizando o Cariri

O Ceará tem a quarta extensão territorial da região Nordeste e é o 17º entre os estados brasileiros em termos de superfície territorial. Com um Produto Interno Bruto (PIB) calculado em mais de R\$ 45 bilhões, o Ceará também possui a segunda maior economia da Região Nordeste do Brasil. Contudo, apesar dos índices de crescimento entre os mais elevados a nível nacional nos últimos 30 anos, o que chama atenção é a incapacidade deste crescimento se refletir diretamente na melhora das condições de qualidade de vida das populações e a persistência de situações de carência especificamente nas áreas da saúde, habitação, acesso à educação de qualidade. Dentro do Estado a região do Cariri sempre se destacou por características específicas e peculiares, em primeiro lugar ambientais e climáticas (como testemunhado pela popular qualificação de “oásis no sertão”), assim como culturais e econômicas. O vale do Cariri e a Chapada do Araripe, com sua Floresta Nacional protegida desde 1946, suas jazidas arqueológicas e paleontológicas são um fenômeno certamente singular na paisagem do sertão.



Figura 1. Mapa do projeto Cidades do Ceará - Cariri central.¹

Além disso, esta região caracteriza-se por uma dinâmica econômica peculiar, alavancada pela condição geo-climática favorável, pela colocação estratégica equidistante de todas as capitais nordestinas, pela condição de pólo de turismo religioso entre os mais importantes da América Latina. Ainda assim, mais uma vez constata-se que o crescimento constante dos indicadores econômicos não se reflete mecanicamente na melhora dos indicadores sociais e humanos. Os bolsões de pobreza e exclusão radical são importantes e chamam tanto mais atenção enquanto contrastam com alguns equipamentos (por exemplo, na área privada da saúde) que apresentam padrões de “primeiro mundo”.

Em virtude desta especificidade e do potencial que ela manifesta, a região tem hoje um lugar privilegiado nas políticas Federais e Estaduais, como demonstrado pela quantidade de políticas de investimento e valorização territorial que traçam recortes nem sempre correspondentes e se sobrepõem normalmente sem buscar coordenação e sinergia. Listando as principais encontramos o “Pólo de Desenvolvimento Integrado do Cariri Cearense”, promovido pelo Banco do Nordeste junto a segmentos do Governo do Estado, da iniciativa privada e da sociedade civil organizada. A política Federal “Territórios da Cidadania” inclui o Território do Cariri entre os seis do Ceará selecionados para integrar este que se apresenta como um dos mais arrojados e inovadores entre os Programas Federal dedicados ao objetivo da “promoção do

¹ Fonte: <http://www.cidades.ce.gov.br/categoria4/mapa-cidades-ceara-01-cariri.jpg/view>



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

desenvolvimento econômico e universalização dos programas básicos de cidadania por meio de uma estratégia de desenvolvimento territorial sustentável”². A instituição da Região Metropolitana CraJuBar, criada por uma Lei Complementar Estadual nº 78 sancionada em 29 de junho de 2009, surge a partir da conurbação entre os municípios de Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha. O Projeto Cidades do Ceará/Cariri Central, é uma ação que pretende impulsionar o desenvolvimento da região do Cariri, por meio do fortalecimento das atividades econômicas do turismo e da produção de calçados.

Movimentos geradores: a interiorização da Universidade Federal

Ao observar o processo que leva, em menos de dez anos, à criação de inúmeras novas Universidades ou de campi descentralizados de Instituições de Ensino Superior já existentes, estamos focalizando um âmbito sensível pelo que diz respeito à grande questão do desenvolvimento do país. Usando o exemplo da Universidade Federal do Ceará:

“Quando uma instituição do porte da UFC resolve expandir suas atividades, distribuindo seus campi de norte a sul do estado, gera inevitavelmente um movimento de mudança e de reflexão da sociedade, do poder público e da própria iniciativa privada. Ao localizar um Campus no norte do estado (em Sobral), no Sertão Central (Quixadá) e no Cariri (sul do Ceará, divisa com vários estados do Nordeste), a Universidade provocou o deslocamento de recursos financeiros e humanos para essas áreas.” (CHACON, 2008, p. 3)

Só para reconstruir sinteticamente a trajetória de criação do novo campus da UFC no Cariri, é a partir de 2006 que se instalam os primeiros seis cursos, se bem que em uma estrutura provisória, enquanto foi em 20 de outubro de 2008 que o Presidente Lula inaugura oficialmente o novo campus, sediado no bairro da Lagoa Seca. Este surge em área doada pela prefeitura de Juazeiro do Norte, com evidentes objetivos de valorização imobiliária de um setor da cidade que ainda era marginal, e hospeda os cursos de

² O Território da Cidadania Cariri - CE abrange uma área de 15.225,60 Km² e é composto por 27 municípios. A população total do território é de 853.838 habitantes, dos quais 262.238 vivem na área rural, o que corresponde a 30,71% do total. Possui 48.208 agricultores familiares, 605 famílias assentadas e 2 comunidades quilombolas. Seu IDH médio é 0,66.” (Fonte: Sistema de Informações Territoriais (<http://sit.mda.gov.br> .))



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Administração, Agronomia, Engenharia Civil, Filosofia, e Biblioteconomia³. A partir de 2010 foram adicionados mais quatro cursos sendo eles: Educação Musical, Engenharia dos Materiais, Design de Produtos (com foco em calçados e jóias), Comunicação Social e Jornalismo. No primeiro semestre de 2011 é lançado na região o primeiro Mestrado Acadêmico em Desenvolvimento Regional Sustentável com foco explícito na questão da convivência com o semi-árido, enquanto no segundo semestre do mesmo ano entrará em atividade o primeiro curso de Bacharelado em Administração Pública com foco em Gestão Social. Hoje a o campus Cariri acolhe cerca de 1500 estudantes, 150 professores e 42 servidores técnicos.

A locução “Interiorização da Universidade”, e o processo que ela aponta, aproximam dois elementos que foram considerados longamente separados, se não antitéticos: “o interior”, em senso geográfico e territorial, é tido tradicionalmente no Brasil como o espaço do atraso, da carência e estagnação econômica, da falta de acesso ao conhecimento e à tecnologia e, ainda mais, da incapacidade de produção autônoma destes. Pode até ser repositório de um sentimento romântico ligado à saudade de tempos passados, mais calmos e aconchegantes, mas o caráter dominante que ele sugere é, sem dúvida, o primeiro, da falta. Por outro lado “a universidade”, enquanto ator (que nestas notas assumirei ser unitário) e espaço privilegiado, se não único, da produção do conhecimento, foi tradicionalmente localizada no “centro”, isto é nos locais propulsores do desenvolvimento sócio-econômico e cultural do país, ou seja, nas capitais. À medida que um novo projeto de país começa a tomar forma, e que a questão da superação dos enormes desequilíbrios regionais e de concentração de renda entre as classes sociais assume prioridade, a interiorização da universidade torna-se, aparentemente, um passo estratégico a ser dado com vista ao alcance de um desenvolvimento mais justo e sustentável. Esta afirmação procede da consideração implícita de que, como estamos vivendo em “sociedades do conhecimento”, é pelo acesso e produção dele que passará, necessariamente, qualquer processo de re-equilíbrio das desigualdades históricas que o modelo de desenvolvimento nacional trouxe consigo.

³ O curso de medicina está sendo omitido desta reconstrução por ter uma história diferente, fundação anterior (em 2001) e externa ao movimento de reforma do Reune, e localização excêntrica com respeito à construção do Campus que estamos descrevendo. A sede deste curso é na cidade de Barbalha.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

No entanto, o movimento de interiorização das Universidades Federais brasileiras é tão interessante justamente por conta da carga de ambigüidade que ele apresenta e da abertura, em termos de resultados, que ele pode trazer sendo alguns destes potencialmente inovadores e outros simplesmente confirmadores de formas de relação entre o centro e as periferias, o global e o local, onde as hierarquias e o poder estão postos e estabelecidos.

Os Interiores no pensamento abissal

Cabem aqui, para avançar no desenvolvimento de meu argumento, as noções de pensamento abissal e pós-abissal, que Boaventura Santos usa como estruturantes no seu recente trabalho sobre as “Epistemologias do Sul” (SANTOS, 2010):

“O pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal. Consiste num sistema de divisões visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis fundamentam as visíveis. As distinções invisíveis são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo ‘deste lado da linha’ e o universo ‘do outro lado da linha’. A divisão é tal que ‘o outro lado da linha desaparece enquanto realidade (...) é mesmo produzido enquanto inexistente. (...) Tudo aquilo que é produzido enquanto inexistente é excluído de forma radical (...). A característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade da copresença dos dois lados da linha. Este lado da linha só prevalece na medida em que esgota o campo da realidade relevante. Para além dela há apenas inexistência, invisibilidade e ausência não dialética” (IBID, p. 32)

Nesta hipótese de leitura proponho olhar os Interiores brasileiros e, especificamente, o sertão nordestino a partir do qual surge minha fala, como “o outro lado da linha”, um dos muitos “outros lados” de fato excluídos, silenciados, representados e criados como carentes de tudo, a partir do “lado de cá” da linha, isto é dos centros globais do próprio Brasil e do discurso das políticas públicas de desenvolvimento. Deixo de lado o argumento segundo o qual o Brasil como um todo, deva ser considerado como colônia assumindo que as metrópoles globais brasileiras e o discurso que produz as políticas



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

públicas no país joguem, de fato, um papel de tipo colonizador com respeito aos Interiores.

E ainda Boaventura quem acrescenta: “O conhecimento e o direito modernos representam as manifestações mais bem conseguidas do pensamento abissal. (...) No campo do conhecimento o pensamento abissal consiste na concessão à ciência moderna do monopólio da distinção universal entre verdadeiro e falso” (IBID, p. 33). Este monopólio, conforme o nosso autor, foi disputado com mais dois campos de saber, nomeadamente, o da filosofia e o da teologia, mas a ciência, usando o método científico enquanto lastro fundamental e guia certo de qualquer prática cognitiva, pretendeu e alcançou na sociedade ocidental moderna o estatuto de *único possível produtor de um saber universalmente válido*. As tensões existentes entre ciência, filosofia e religião se dão todas no campo demarcado dentro das sociedades ocidentais modernas como legítimo para a produção de conhecimento e a disputa em torno dele. O que normalmente passa inobservado é que este campo assenta na “invisibilização” de outro campo de saberes os quais não se encaixam nestas formas canonizadas:

“Refiro-me aos conhecimentos populares, leigos, plebeus, camponeses, ou indígenas do outro lado da linha. (...) Do outro lado da linha não há conhecimento real, existem crenças, opiniões, magia, idolatria, entendimentos intuitivos ou subjetivos que, na melhor das hipóteses, podem tornar-se objeto ou matéria prima da inquirição científica.” (IBID, p. 33-34)

Os Interiores seriam, portanto, adotando a interpretação proposta, um dos lugares cuja ausência, invisibilidade e irrelevância, em termos geográficos, econômicos, políticos e culturais, foi ativamente construída pelo pensamento abissal durante séculos e ainda hoje. Estas “ausências” são criadas pela marginalidade com respeito aos fluxos e redes que inervam a modernidade (como os equipamentos, as infra-estruturas ou as redes relacionais do poder constituído), pela marginalidade e “descabimento” com respeito às dinâmicas culturais e às estéticas dominantes no “centro global” e também pela invisibilização e desvalorização de todo saber local representado enquanto carente de fundamento e validade.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

É claro, portanto, que a Universidade, enquanto produtor por excelência do saber dentro da sociedade moderna ocidental, protagoniza o processo aqui sinteticamente retratado e que resulta na produção da ausência (invisibilidade, irrelevância, incompreensibilidade) do(s) Interior(es).

O desperdício da Experiência Social

É preciso esclarecer que a referência feita acima ao pensamento de Boaventura Santos, é apenas uma alusão e está bem longe de esgotar a complexidade da reflexão que ele traz a respeito da gênese e dos dispositivos de funcionamento da modernidade ocidental capitalista, exploradas a partir de conceitos tais quais, pensamento abissal e pós-abissal, colonialidade e descolonialidade, tensão entre as categorias de regulação/emancipação (vigente na metrópole) e apropriação/violência (a princípio vigente na colônia). Contudo, uma análise mais aprofundada deste aparato teórico não cabe no espaço destas notas e aqui nos é suficiente reconhecer o seguinte: que a “simples” chegada da Universidade no(s) Interior(es) não tem chance alguma de reverter a condição que eles têm sofrido e ainda sofrem, de irrelevância, carência programada e o processo que o próprio Boaventura assim descreve iconicamente: “Há produção de não-existência sempre que uma dada entidade é desqualificada e tornada invisível, ininteligível ou descartável de um modo irreversível.” (SANTOS, 2008, p. 102). É o que o próprio autor chama de “Ausência”, enquanto status ativamente produzido pela modernidade ocidental com respeito a tudo o que escapa aos padrões da civilização dominadora.

Esta procede, durante séculos, à construção de hierarquias cuja arbitrariedade acaba se tornando invisível como aparece, por exemplo, com as dimensões de raça e sexo, onde desde cedo em nossas vidas aprendemos que branco é melhor do que preto (ou indígena) e homem melhor do que mulher. Assim, continuando na mesma linha, aprendemos que moderno é melhor do que primitivo, industrial é melhor do que agrícola, culto melhor do que popular, e por passagens progressivas, quase inevitavelmente, também entendemos que a capital (até que não seja metrópole) é definitivamente e indiscutivelmente melhor do que o interior, por concentrar e providenciar o acesso ao que se tem de mais moderno, industrial, culto dentro de um



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

território. “De acordo com esta lógica, a não-existência é produzida sob a forma de inferioridade insuperável porque natural. Quem é inferior, porque é insuperavelmente inferior, não pode ser uma alternativa credível a quem é superior.” (IBID, p. 103)

É por este caminho que se produz o que nosso autor chama de “desperdício da experiência” (IBID, p. 94), isto é: a) o se jogar no lixo da história toda a experiência social que extrapola os cânones assumidos como válidos; b) o se achar que o mundo é apenas e só o que a visão científicista e racionalista de mundo consegue enxergar e explicar; c) o se achar que o que está posto – o mundo como o conhecemos – representa o “fim da história” e não seria nem desejável nem possível imaginar outras possibilidades ou alternativas.

Um Pensamento pós-abissal e a Ecologia dos saberes

Tudo quanto colocado acima não diz respeito apenas ao campo das ciências sociais. Pelo contrário, o que estou apontando é um fenômeno que extrapola um campo delimitado para abranger o senso comum, sendo uma das coisas mais apavorantes o fato de que os próprios excluídos e “ausentados” pela visão paradigmática dominante estão, muitas vezes, imbuídos por ela e acreditam nas hierarquias e atribuições de valores que ela põe.

Alienados de si próprios, criados e socializados para reconhecer o dominador como naturalmente melhor e por isso destinado a ganhar na vida, descrentes deles mesmo e de sua cultura originária, muitas vezes incapazes de se pensar se não dentro de uma relação de subalternidade à cultura dominante e prontos, portanto, a abraçá-la e reproduzi-la se apenas tiverem chance. Eis uma descrição sintética dos que foram postos do outro lado da linha abissal (para usar ainda a metáfora do Boaventura): os povos indígenas, as comunidades periféricas, socialmente e economicamente marginalizadas, os inúmeros sujeitos que não puderam ou quiseram acessar as veredas da ciência, achando-as, de forma consciente ou não, demasiado desrespeitosas de suas visões de mundo, valores e vidas no geral.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Talvez possamos entender melhor, a partir destas considerações, o grau de ambigüidade implícito no movimento da Universidade em direção aos Interiores, existindo nele uma linha possível de continuidade, confirmação de relações assimétricas já postas entre as partes, e uma de inovação e sendo que as ações concretamente realizadas oscilam entre uma e outra buscando pontos de equilíbrio sustentáveis.

Tenho ouvido comparar-se a chegada da universidade ao Cariri a um novo começo, um marco fundamental, à abertura de novos caminhos, como quando chegou a energia elétrica e desencadeou uma fase nova de desenvolvimento; quem nunca viveu isso mal consegue imaginar. E mesmo assim, acolhendo o sentido destas comparações tão marcantes, ainda estamos no campo da ambigüidade mencionada acima.

Olhamos, por exemplo, casos de confirmação das assimetrias postas: aí vem a universidade para dizer ao povo interiorano, deseducado e grosso, como é que devem ser as coisas para que se possa finalmente mover em direção à civilização. Aí vem para que se tenha finalmente, nestas terras abandonadas, uma base de representação da Ciência e da Tecnologia para nós opormos aos obscurantismos do poder político autoritário e opressor, para contrapor uma razão objetiva à arbitrariedade do interesse particular.

Ou olhamos exemplos de inovação: também poderia vir uma universidade que adote uma postura humilde e despretensiosa, sem se achar única representante legítima da Verdade e mensageira dela para um mundo em falta. Não será marcante que ela considere a sua visão de mundo, a visão científica do mundo, como uma entre outras muitas possíveis, e que se disponha para escutar as demais, para dialogar de par a par, sem contar necessariamente com patentes de autoridade ou supremacia incontestáveis?

Os que clamam hoje por uma visão de ecologia de saberes (MORAES, 2008; MORIN, 1996, 2000; SANTOS, 2010) estão chamando atenção pela insuficiência da ciência positivista frente ao nosso mundo instável, incerto, imprevisível e complexo. Essa ciência, que cresceu no lastro de divisões dicotômicas que refletem as divisões abissais citadas acima: a mente e o corpo, o objetivo e o subjetivo, a razão e a emoção, o cálculo e a intuição, o social e o biológico..., esbarra hoje nos limites trazidos pela visão separada do mundo que tanto fatigamos em conquistar. É sempre e só no primeiro termo



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

da relação que insiste a possibilidade de se produzir conhecimento de forma válida e certa. No segundo só tem arbitrariedade, aspectos pré-sociais, falta de controle. Para ser científico o conhecimento deve ser neutro, objetivo, não perturbado por emoções, almejar a generalidade absoluta e a indiferença ao contexto e às culturas locais. Fomos todos educados, cientistas e não, para mantermos separados os dois pólos destas dicotomias. Estava nisso mesmo a garantia de cientificidade do saber que produziríamos. Hoje o mundo que vivenciamos nos surpreende continuamente com sua variedade, diferença, imprevisibilidade, complexidade e contradição. Não existe, aparentemente, um princípio só capaz de dar conta disto tudo, isto é exatamente o contrário do que fomos levados a acreditar: que o princípio de racionalidade científica (linear, instrumental, objetiva) fosse a pedra de toque para podermos conhecer, intervir e dominar a realidade natural e social. Agora, enquanto observamos a era do nosso domínio ir se encerrando numa incipiente catástrofe ambiental começamos a considerar a necessidade de re-integrar as partes cindidas de todas as dicotomias que herdamos do paradigma já dominante, e emerge a própria palavra “integração” como lema e chave de acesso à postura que precisamos adotar e praticar enquanto sujeitos responsáveis, entre outros, pela produção de conhecimento para o tempo que vem.

Aceitando o desafio do diálogo

Olhando-a na sua concretude, a interiorização da Universidade Federal acontece através de um processo de “importação” para os Interiores de um bom número de profissionais de elevada qualificação oriundos de muitos lugares do país e, não raramente, até de pessoas estrangeiras. Este simples fato já origina uma dinâmica complexa dentro da qual se pode reconhecer ao mesmo tempo o elemento de fascinação pelo diferente, e o que leva a hostilizar o estrangeiro. No primeiro caso, a fascinação pelo diferente é imbuída muitas vezes pelo sentimento de submissão e “menoridade” frente ao “doutor”, à pessoa que vem de fora,” viajada“ e experta do mundo grande lá fora. Pelo outro lado também é fácil reconhecer a barreira posta frente ao diferente que se torna “estrangeiro”. E é preciso muito pouco para recair em tal categoria, até um nordestino de outro estado, especialmente se de uma capital, já é estrangeiro. Nem se fale de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

alguém do sul do Brasil que pode se sentir estrangeiro no sertão tal qual um estrangeiro de verdade. O mapa dos pontos de aproximação e das distâncias postas entre os recém chegados e o contexto acolhedor é bem interessante, pois mostra pontos de proximidade inesperados e surpreendentes e distâncias igualmente inesperadas ali onde, em princípio, se esperaria por relações mais fáceis e fluidas. Nesta cartografia de proximidades e distâncias também entra num jogo fluido a postura assumida por cada representante da Universidade frente ao contexto; postura autoritária de quem possui a Verdade e está ali para “vendê-la”, ou postura dialógica de quem reconhece que “não há ignorância em geral nem saber em geral. Toda a ignorância é ignorante de um certo saber e todo o saber é a superação de uma ignorância particular” (SANTOS, 1995: 25, APUD, SANTOS 2008). Se colocar, portanto, frente ao contexto interiorano silenciando as muitas vozes conscientes e inconscientes que criaram dentro de todos nós a imagem de um interior só retrógrado, só carente e sem opção, só autoritário, só inculto e grosseiro; para não chegar a pensar que a única saída certa desta situação seja, mais uma vez, a importação do modelo de desenvolvimento das capitais, cuja crise é tão patente que precisaria de coragem para apontá-lo como referência para alguém. O que é pedido é um exercício de voluntária e teimosa e persistente amplificação de todos os sinais que falam de outro Interior: competente, criativo, autoconfiante, ciente de seu potencial, sem complexos de inferioridade, sem fascinações por modelos importados de fora para dentro, mas também sem ostracismos exagerados em direção ao que vem de fora. Será, mais uma vez, diálogo, a palavra certa? E que diálogo deve ser este que não sirva para confirmar a exclusão mais uma vez inexorável, dos tantos sujeitos que, nestes Interiores, não estão aptos a participar da luta que se trava, com argumentos racionais nas mesas dos cultos e dos educados. Deverá este diálogo ser apenas diálogos entre racionalidades, frias, objetivas, separadas de corpos e corações, ou não poderíamos reconhecer que é de outros diálogos, mais ricos e integrados, multidimensionais e performativos, diálogos de corpos dançantes e atuantes, de vozes e músicas, de jogos e brincadeiras que precisamos hoje para o encontro entre a Universidade e os Interiores? Não será a partir deste novo tipo de diálogo que teremos alguma chance de reverter o processo histórico que ausentou e aniquilou de seu possível papel social todos os que não dominam os códigos cultos da racionalidade formal, da análise objetivante, da busca tranquilizadora de nexos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

lineares de causa e efeito? Os iletrados, camponeses, indígenas, quilombolas, “caipiras” e quantos mais, esquecidos e desmerecidos da nossa história, poderemos tentar encontrá-los não já a partir de práticas que os tornam, uma vez mais, apenas objetos de observação, sem voz nem cultura própria e sim a partir dos campos próprios de sua subjetividade? E não será, afinal das contas, esta chance de integração dos sujeitos algo que abre campos promissores e esperançosos não apenas na relação da universidade com o contexto externo mas também para dentro dela?

Metodologias integrativas⁴

O que está se sugerindo aqui é uma transformação importante das práticas que conduzimos, enquanto universitários em processo de interiorização, ao nos relacionarmos com os nossos contextos de referência quer na didática quer na extensão. O que está sendo proposta é uma re-fundação radical dos princípios que praticamos, muitas vezes de forma implícita e outras tantas de forma explícita quando entramos em sala de aula assim como quando nos dispomos a frequentar algum contexto comunitário para liderar ações que pretendem suportar os próprios sujeitos locais com seus projetos de vida. Como o seu próprio nome declara, as Metodologias Integrativas apostam na possibilidade de pautarmos a nossa ação de educadores e gestores sociais na prática insistente de re-integração e re-ligação de todas as múltiplas polaridades dicotômicas sobre as quais o paradigma positivista dominante em ciência nos últimos cinco séculos se construiu e através das quais nos de-formou durante os muitos anos de treino na escola e na universidade. Esta prática integradora é tão inusitada para os que se criaram por uma educação convencional que até ao nominá-la não está claro em que ela consistiria. Pois pensar numa educação que inclua os corpos, que abrace as emoções, que reconheça que um processo de aprendizagem acontece muito melhor num ambiente que acolhe os sujeitos em sua integralidade, corpamente, razãoemoção, análiseintuição, ainda hoje é um desafio gigantesco. Quer seja na sala de aula ou nas salas de centros comunitários ou de associações não podemos deixar de reconhecer que o clima que a

⁴ As que aqui chamo de Metodologias Integrativas já foram objeto de minhas reflexões em Giannella, (2007, 2009) e Giannella, Moura (2009). Naqueles textos utilizei da definição de Metodologias não Convencionais.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

chegada do Professor cria é um clima de medo, de recusa de se expor para não incorrer no risco de estar errado, de falta de autoconfiança, e de confiança nos demais parceiros da viagem que é o apreender, de falta de gosto na aventura que esta viagem pode proporcionar. Um grande desperdício!

O que acontece quando o/a professor/a sai do lugar da certeza e da posse da verdade e entra num processo de escuta e reconhecimento das condições materiais concretas em que a sua aula, a sua ação acontece? Espaços desconfortáveis, corpos cansados, mentes sobrecarregadas de milhões de tarefas e pressões, necessidade de competir, de mostrar ser o melhor. Como isso afeta a relação de ensino/aprendizagem? Estamos tentando abrir nossas aulas ou os encontros comunitários com momentos de descontração, de foco na respiração, de alongamentos, brincadeiras, de cuidado e aconchego dos corpos mentes. É importante não se assustar com o primeiro estranhamento, quando se percebe na sala o estrondo de padrões incrivelmente arraigados se quebrando; mas o que acontece depois é um salto impressionante em termos de capacidade de concentração. Ao incluirmos os corpos, ao legitimarmos as emoções, reconhecer o cansaço e o stress, expressa-se um cuidado, uma atenção pelas pessoas que se sentem envolvidas, inteiras, e começam a confiar. A quebra do medo de errar é um dos pontos cruciais de qualquer processo de aprendizagem. Sem errar ninguém aprende. Portanto proporcionamos dinâmicas que possibilitam a expressão de opiniões e reflexões, que valorizam a contribuição de cada membro integrante do grupo, que demonstram como todos e cada um/a tem algo a contribuir, dinâmicas que serão, de preferência, lúdicas ou baseadas na valorização da experiência de vida de cada um/a. Trabalhar com base na experiência de vida é um fator de extrema importância, pois dessa ninguém é desprovido; encontrar os nexos entre esta experiência e as matérias/problemas tratados, é uma estratégia de grande valia que pode conduzir a uma atitude ativa e exploratória por parte dos aprendizes. Outro grande achado é a possibilidade de sairmos dos formatos padronizados de análise das questões, para introduzirmos outros meios, valorizando sensibilidades e intuições: as encenações teatrais, o uso de fotos, vídeos, a possibilidade de se escrever textos em formas de narrações e roteiros. Estimular a capacidade criativa altamente reprimida de jovens e menos jovens e a nossa mesmo é também um caminho que nos leva a resultados surpreendentes. Aceitar e introduzir em nossa prática



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

pedagógica o princípio da existência das inteligências múltiplas que nos diz que cada pessoa tem muito mais do que apenas uma inteligência lógico-matemática e parar com o enorme desperdício das nossas inteligências corporais, espaciais, relacionais, artísticas... parar de pensar que a criatividade é algo útil apenas para quem estuda artes, começar a reconhecer que é esta divisão dramática em caixinhas estanque que está nos impossibilitando enxergar as saídas para as crise do presente.

Ao invés de conclusões, prelúdio de continuações.

Impossível dar conclusão a uma reflexão tão incipiente sobre uma matéria tão quente de vida e de trocas, tão cheia de entusiasmos e constrangimentos. Sei, sabemos, que o processo de interiorização da Universidade é apenas um fator que realça um problema geral de relação entre saberes, de deposição de antigas primazias e aceitação de uma postura de co-produção, reconhecendo que todo saber é um saber com, inter-saber. No entanto os Interiores desafiam radicalmente a universidade em suas práticas recorrentes abrindo espaços de diálogo entre visões de mundo, um diálogo que será possível se aceitarmos extrapolar os códigos racionalistas dominantes em busca de novas práticas pedagógicas solidárias e sustentáveis.

Referências

CHACON, Suely Salgueiro. Construção de indicadores de sustentabilidade para a Avaliação dos do Desenvolvimento Regional do Cariri cearense, Projeto de Produtividade em Pesquisa, CNPq, 2008.

GIANNELLA, Valéria, Base teórica e papel das metodologias não convencionais para a formação em gestão social. In: CANÇADO, Airton, Cardoso et al. (org.). Os desafios da formação em gestão social. Anais do II ENAPEGS, Provisão: Palmas/TO 2008.

_____, **Espaço Aberto para troca:** uma oficina sobre os paradoxos da mobilização social em contextos de exclusão extrema. Coleção Roteiros de Gestão Social, Vol.1, CIAGS/UFBA: Salvador, 2009.

_____, MOURA, Maria, Suzana. **Gestão em rede e metodologias não convencionais para a gestão social.** Coleção Roteriros de Gestão Social, Vol. 2, CIAGS/UFBA: Salvador, 2009.

MORAES, Maria Cândida, **Ecologias dos Saberes.** Complexidade, Transdisciplinariedade e Educação. São Paulo, Antakarana/ WHH, 2008.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

MORIN, Edgar, Epistemologia da Complexidade, in: (org.), SCHNITMAN, D., Novos Paradigmas, culturas e Subjetividade, Porto Alegre, R/S, Artmed, 1996.

_____, Os Setes Saberes Necessários à Educação do Futuro, São Paulo, Cortez, Brasília/ DF, UNESCO, 2000.

SANTOS, Boaventura, de Souza, A Sociologia das Ausências e das Emergências, In: **A Gramática do Tempo. Para uma nova cultura Política**. Cortez Editora, 2ª Edição, São Paulo, 2008.

_____, MENESES, Maria, Paula (orgs), **Epistemologias do Sul**. Cortez Editora, São Paulo, 2010.